

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
GEOGRAFIA HUMANA

Carlos Eduardo Faggian Francisco

Centralidade em transformação: um estudo de caso da Rua Amando de Barros, Botucatu-SP

São Paulo
Ano 2025

Carlos Eduardo Faggian Francisco

Centralidade em transformação: um estudo de caso da Rua Amando de Barros, Botucatu-SP

Trabalho de Graduação Integrado (TGI) apresentado ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Área de Concentração: Geografia Humana

Orientador: Prof. Dr. Simone Scifoni

São Paulo
Ano 2025

VERSO DA FOLHA DE ROSTO

[Ficha Catalográfica - Elemento obrigatório]

[Para elaborar a ficha catalográfica em pdf de maneira automática, [clique aqui](#)]

[Exemplo]

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

A939t Autor, Nome do
Titulo do do trabalho acadêmico: subtitulo sem
negrito / Nome do Autor ; orientador Nome do
Orientador. - São Paulo, 2015.
98 f.

TGI (Trabalho de Graduação Integrado)- Faculdade
de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo. Departamento de
Geografia. Área de concentração: Geografia Humana.

1. Normalização. 2. Trabalho acadêmico. I.
Orientador, Nome do , orient. II. Título.

FRANCISCO, Carlos Eduardo Faggian. **Centralidade em transformação:** um estudo de caso da Rua Amando de Barros, Botucatu-SP. Trabalho de Graduação Integrado (TGI) apresentado à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição_____

Julgamento_____ Assinatura_____

Dedico este trabalho aos meus pais com amor, admiração e gratidão por seu apoio, carinho e presença ao longo do período de elaboração deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, que sempre esteve comigo e que todos os dias me lembrava que este trabalho precisava ser realizado.

Ao Mario Ielo e ao João Cury, pelas entrevistas fornecidas e que sem elas este trabalho não teria existido.

À Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, pela oportunidade de realização do curso.

RESUMO

A cidade é o espaço da vida social, resultado da interação entre práticas cotidianas, estruturas econômicas e decisões políticas. Em Botucatu (SP), a Rua Amando de Barros representa historicamente o principal eixo urbano, concentrando atividades econômicas, sociais e simbólicas que refletem o desenvolvimento da cidade. Este trabalho busca compreender a importância dessa rua como lugar de centralidade urbana, analisando suas transformações ao longo do tempo à luz das teorias de Henri Lefebvre, Milton Santos e Glória Alves. Lefebvre (1968) define a centralidade como valor de uso fundamental do urbano — o espaço do encontro, das trocas e da vida coletiva. A partir dessa perspectiva, a pesquisa investiga como a Rua Amando de Barros expressa e materializa esse conceito, articulando as dimensões histórica, espacial e social do centro de Botucatu.

O objetivo geral é analisar a Rua Amando de Barros como eixo de centralidade urbana em Botucatu. Os objetivos específicos incluem: examinar o processo histórico de formação e consolidação da rua como centro da cidade; discutir as transformações recentes associadas às políticas de revitalização urbana e seus impactos sobre o uso e a apropriação do espaço.

A pesquisa tem caráter qualitativo e descritivo, com base em levantamento bibliográfico, análise documental e entrevistas. Foram consultadas fontes históricas, documentos oficiais da Prefeitura de Botucatu, além de obras de Lefebvre, Santos e Alves. As entrevistas com ex-prefeitos da cidade permitiram compreender as motivações e objetivos das políticas de revitalização implementadas entre 2004 e 2016. O trabalho também envolveu observações de campo e análise fotográfica da Rua Amando de Barros, buscando relacionar as transformações físicas às dinâmicas sociais observadas.

Os resultados indicam que a Rua Amando de Barros consolidou-se, desde o século XIX, como o principal centro de sociabilidade e comércio da cidade. Sua paisagem urbana revela a convivência entre o circuito superior (lojas estabelecidas, bancos, serviços formais) e o circuito inferior (ambulantes, pequenos comerciantes e serviços informais). Essa coexistência demonstra a pluralidade e a complexidade do espaço urbano. As obras de revitalização, realizadas entre 2004 e 2016, buscaram modernizar a infraestrutura e revalorizar o centro, mas também geraram tensões sociais, especialmente com a retirada do antigo camelódromo e a tentativa de redefinir o perfil socioeconômico do local. Apesar dessas mudanças, a rua continua sendo um espaço de forte identidade urbana, onde o cotidiano popular resiste e se reinventa.

A pesquisa conclui que a Rua Amando de Barros permanece como o coração de Botucatu, sintetizando a história e as contradições da cidade. Suas transformações expressam o conflito entre a valorização econômica e a manutenção de práticas sociais tradicionais. Assim, a rua continua sendo um espaço de encontros, permanências e disputas que traduzem a própria essência do urbano

Palavras-chave: Centralidade urbana; Botucatu; Rua Amando de Barros; Revitalização urbana; Circuitos da economia urbana.

SUMÁRIO

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO.....	0
AGRADECIMENTOS.....	6
RESUMO.....	7
SUMÁRIO.....	9
1. INTRODUÇÃO.....	11
1.1. ÁREA DE PESQUISA.....	14
1.2. METODOLOGIA.....	16
2. A CENTRALIDADE DO CENTRO DE BOTUCATU.....	18
2.1. HISTÓRIA.....	18
2.2. A RUA COMO TESTEMUNHA.....	21
3. ÚLTIMAS DÉCADAS - O QUE MUDOU?.....	25
4. A VISÃO DO OUTRO LADO - UM DIÁLOGO COM AS FIGURAS PÚBLICAS.....	29
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	37

1. INTRODUÇÃO

Antes de falar propriamente de Botucatu, por que Botucatu? A motivação ocorre, primeiramente, pelo meu vínculo com a cidade: nasci e morei lá até os meus 19 anos, quando me mudei para estudar em São Paulo. Mesmo assim, nunca deixei de voltar pelo menos duas vezes por mês, nunca rompi este vínculo, pelo contrário, a distância o fortaleceu. Ao longo de toda a minha trajetória acadêmica, sempre me voltei a entender a minha cidade; logo, não via outro caminho para o meu TGI que não fosse falar de Botucatu. Também não consegui fugir da Geografia Urbana, afinal, foi ela que mais me ajudou a entender a minha “terra”. Nesse cenário, a Rua Amando de Barros emerge naturalmente desse casamento.

Localizada no centro-oeste paulista, especulada até como parte do famoso caminho do Peabiru, Botucatu, em tupi, “Ibytu-katu”, que tem como significado “cidade dos bons ares”, será a cidade a ser trabalhada ao longo desta pesquisa, mais especificamente seu centro comercial.



Figura 1: Mapa político do Estado de São Paulo com destaque para o município de Botucatu, por IBGE

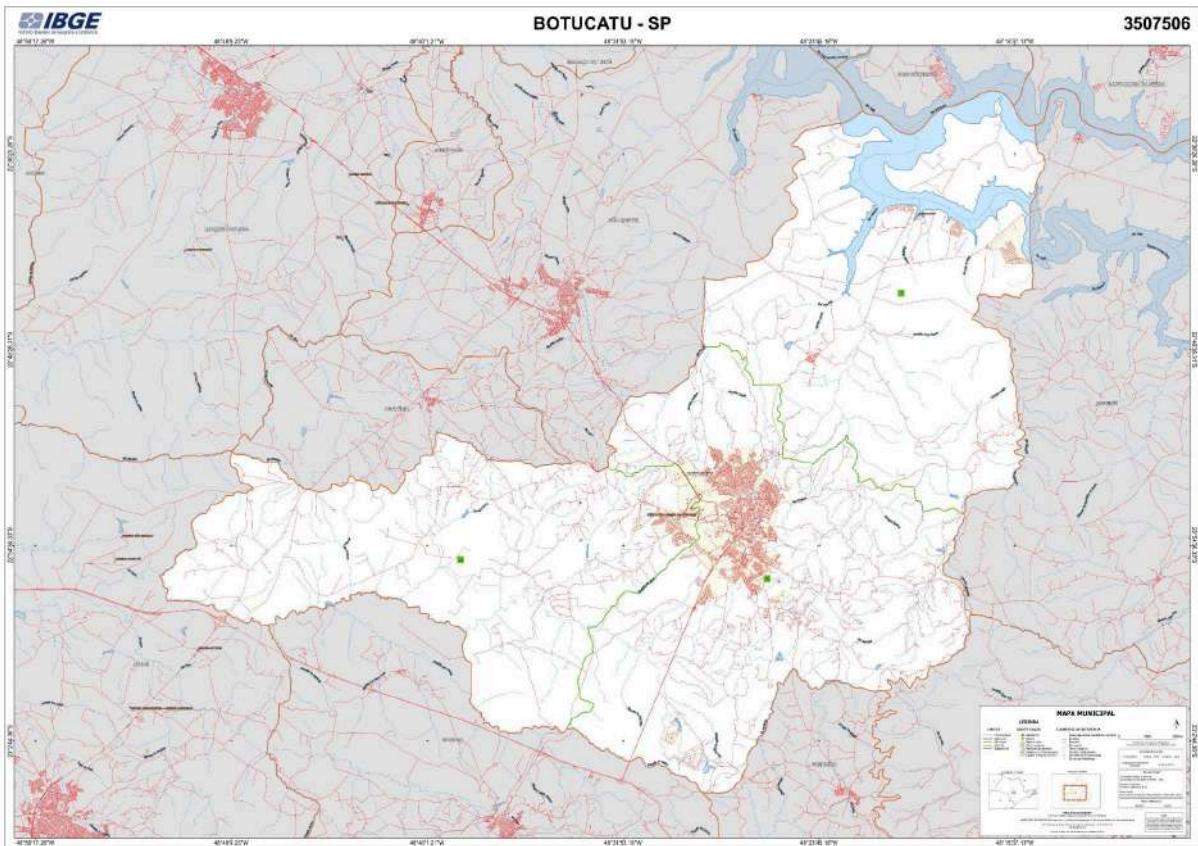


Figura 2: Mapa do Município de Botucatu, por IBGE

Décimo município em extensão territorial do estado de São Paulo (1.482,642 km²), com uma população estimada para o ano de 2024 de 150.442 habitantes, segundo o portal IBGE Cidades. Outro dado relevante encontrado neste seria o valor bruto arrecadado, sendo o primeiro da “região geográfica imediata” e o 64º do estado, com uma arrecadação R\$ 856.487.647,25 no ano de 2024, dado este que corrobora para o IDH-M de 0.800, considerado “Muito Alto”.

Voltando um pouco no tempo, Botucatu deu seus primeiros passos, que caminham para algum crescimento, em 1830, quando fazendeiros decidem subir a Cuesta e explorar a atual área do município, que se emancipa em 1855. Com destaque para a produção de café nos anos seguintes a cidade cresceu e ganhou relevância por isso, atraindo até hoje turistas com seu passado histórico, com destaque para o Museu do Café, localizado dentro do campus da UNESP.

Esta, juntamente com as indústrias, com destaque tanto para a Neiva em 1956 (hoje incorporada pela EMBRAER) quanto para a chegada da CAIO Induscar em 1985, comandaram o crescimento da cidade nas últimas décadas, tendo seu

impacto que Botucatu atualizou seu lema, transcendendo os fatores naturais: “Botucatu, terra dos bons ares, **das boas escolas e das boas indústrias**”.



Figura 3: Botucatu, vista aérea. ENFA, 1939.
<<https://botucatuonline.com/veja-botucatu-em-antigas-fotos-aereas/>>

Antes da chegada a esse atual contexto, Botucatu precisou começar, e este “começo” ainda é pulsante e de alguma forma se mantém como a “aorta” da cidade, aqui entenderemos como esta “artéria” surge e é capaz de, até hoje, ser o centro econômico da cidade.

Como todo centro comercial, a rua amando se mostra vibrante e pulsante, mas também viva e mutável. Nos últimos anos mudanças foram percebidas e perguntas naturalmente surgem durante esse processo de renovação (ou revalorização?). Neste trabalho, além de uma abordagem histórica sobre a formação desta centralidade, buscaremos compreender seu atual momento. Além de observar quais reformas ocorreram, entender os processos por trás delas, os planos que as orientaram e os agentes que as “construíram”. São essas questões que determinaram os itens da nossa pesquisa.

1.1. ÁREA DE PESQUISA

Como dito anteriormente, nosso foco será o centro comercial da cidade, isto é, onde o coração do comércio reside, e podemos dar nome a essa “casa”, Rua Amando de Barros.



Figura 4: Rua Amando de Barros após sua “revitalização”

<

<https://noticiasbotucatu.com.br/2020/04/14/rua-amando-de-barros-o-coracao-comercial-e-empr>
<esarial-de-botucatu/> >

A “Rua Amando de Barros”, antes, “Rua Riachuelo”, entre outros nomes que já recebera, é até hoje a rua que concentra a maioria do comércio da cidade de Botucatu-SP.

“O coração comercial e empresarial de Botucatu” como a fonte de nossa última figura indica representa, além de uma centralidade econômica, uma centralidade geográfica, o que se justifica pelo fato de ter sido a segunda rua da cidade. Sendo até hoje um importante elo de ligação entre os bairros do município.



Figura 5: Rua Amando de Barros destacada em amarelo e a Praça do Bosque em verde

Portanto as mudanças na rua impactam a cidade de formas que transcendem a esfera do econômico, impactando as diversas dinâmicas da cidade, com destaque para o movimento de trabalhadores, que trabalham na área central, muitas vezes na própria rua, e que ao final do expediente retornam às suas moradias nas regiões mais periféricas, destacamos que o uso de periféricas aqui se restringe ao seu significado geográfico, não ao valor subjetivo e negativo que muitas vezes lhe é atribuída.

1.2. METODOLOGIA

A partir das perguntas feitas no fim da introdução iremos estruturar o nosso trabalho e consequentemente a nossa metodologia. Este trabalho irá se dividir em três capítulos, do ponto de vista da análise, o primeiro falando sobre o passado da rua, o segundo identificando as mudanças sofridas pela rua e por fim uma análise de como foi feito esse processo de “revitalização”.

No nosso primeiro capítulo, a fim de conseguir construir um histórico sobre a rua e naturalmente da cidade, faremos uma análise bibliográfica detalhada, para isso usaremos como base livros feitos por botucatuenses, com foco em contar a história da cidade e consequentemente da nossa área de pesquisa, são eles: “Ruas de Botucatu” (ALMEIDA) e “Boca do Sertão” (FIGUEIROA). Além disso trabalharemos com o acervo digital do site “História de Botucatu”. Vale ressaltar a dificuldade de encontrar bibliografias capazes de traçar um passado preciso e relevante para nosso trabalho sobre Botucatu, o que nos torna refém das produções locais.

Já o segundo item se sustentou basicamente por estudos do meio, que incluíram um trabalho de observação na própria rua, mas também de diálogo com os frequentadores e comerciantes da mesma, uma vez que as mudanças aqui estudadas começaram quando este que escreve ainda possuía dois anos de idade, além de considerar uma perspectiva de quem vive a rua diariamente, logo este diálogo, tanto com os transeuntes, quanto com os comerciantes foi fundamental para entender as alterações que a rua sofreu, principalmente as do início do século. Do ponto de vista teórico teremos como foco dois trabalhos, “Transformações e resistências nos centros urbanos” da Gloria Alves e “Pobreza Urbana” do Milton Santos, que nos ajudaram a compreender tanto um possível processo de revalorização da rua, quanto os processos de mudanças de “circuitos” que ocorreram.

Por fim, ao tentar compreender as razões por trás de todo esse projeto de revitalização, importantes entrevistas foram realizadas, os dois ex-prefeitos que conduziram este projeto foram entrevistados. O primeiro foi o ex-prefeito durante os anos de 2001 até 2008 pelo PT e atual vereador pelo PDT Mário Ielo, que deu início ao projeto de revitalização da rua em 2004 e ,na sequência, o que o finaliza em

2016, João Cury do PSDB, que ocupou o cargo de prefeito de 2009 até 2016 e que hoje é deputado federal pelo MDB.

2. A CENTRALIDADE DE BOTUCATU

Antes de qualquer vislumbre sobre as mudanças que o título já instiga a serem trabalhadas, precisamos construir a história dessa rua, o que ela representou e representa para o município, começaremos contar essa “história” a partir do fim do século XIX.

2.1. HISTÓRIA

O primeiro relato da ocupação na área em que hoje se localiza o município de Botucatu é datado no início do século XVIII, mais precisamente em 1721. O jesuíta Pe. Estanislau de Campos lidera um projeto para a construção de uma fazenda de gado, com um objetivo bem claro: abastecer as caravanas que transitavam pela região.

Região esta que não era pequena o que dificulta precisar se de fato já existia durante esse período alguma moradia fixa em alguma parte do atual limite do município de Botucatu, afirmação esta que conseguimos datar com certeza a partir de 1779, quando Botucatu surge como “bairro”:

“O Bairro de Botucatu aparece, pela primeira vez, no caderno de 1779, maço de recenseamento de Itapetininga, número 63. Tinha este Bairro, naquela época, apenas 7 fogos (ou lares), contando 46 moradores incluindo-se chefes de família, suas mulheres, filhos, agregados e escravos.” (FIGUEIROA, 2016)

Este seria os primeiros moradores do município, mas uma “ocupação propriamente dita” ainda segundo Figueiroa, ocorre apenas a partir dos anos 30 (1830), quando atividades começaram a se desenvolver na região, agricultura e criação de muares, gado leiteiro e animais domésticos, com isso o número de pessoas também aumentou, aumento este que justificou uma moção para um abaixo assinado em 1843, que continha a assinatura de 200 moradores: a criação da

freguesia de Botucatu.

Ainda no mesmo ano a Câmara da Vila de Itapetininga doa as terras para a formação da freguesia, mas sua criação ocorre apenas três anos depois, em 1846, por ato da Assembléia Provincial e seus serviços (Cartório e Vigário) chegam apenas em 1849.

Antes de se tornar vila, durante a expansão a fim de assegurar a ocupação da freguesia houve embates com três diferentes povos originários: os “Caiuá”, os “Xavante” e os “Kaingangue”. O objetivo era garantir que os índios fossem extermínados, a prática se tornou tão frequente que foi associada a uma política, dentro da freguesia os moradores entendiam que era preciso “possear terras e dar nos índios”.

A elevação a vila ocorre em 14 de abril de 1855, nasce Botucatu:

“O decreto foi simples: “Lei número 506, de 14 de abril de 1855. O Bacharel formado José Antonio Saraiva, Presidente da Província de São Paulo, faço saber a todos os seus habitantes que a Assembléia Legislativa Provincial decretou e eu sancionei a Lei seguinte: Artigo 1. Fica elevada à categoria de Vila a Freguesia de Botucatu, do distrito de Itapetininga, ficando os habitantes respectivos obrigados a fazer a sua custa a cadeia e a Casa da Câmara. Artigo 2. O Governo da Província, ouvindo as Câmaras de Tatuí e Ita- 39 petininga e o subdelegado de Botucatu, marcará as divisas da nova Vila, que serão observadas até que a Assembléia as aprove definitivamente, ficando revogadas as disposições em contrário. Mando portanto a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução da referida Lei pertencer, que a cumpram e a façam cumprir tão inteiramente como nela se contém. O Secretário desta Província a faça imprimir, publicar e correr. Dada no Palácio do Governo de São Paulo, aos quatorze dias do mês de abril de mil, oitocentos e cinqüenta e cinco. A) José Antonio Saraiva.”” (FIGUEIROA, 2016)

Mesmo depois de 15 anos Botucatu ainda era formada por “[...] três ruazinhas: a Riachuelo (atual Amando de Barros), a de cima (atual João Passos) e a de baixo

(Curuzú). Na imagem abaixo, respectivamente, 9, 17 e 20.

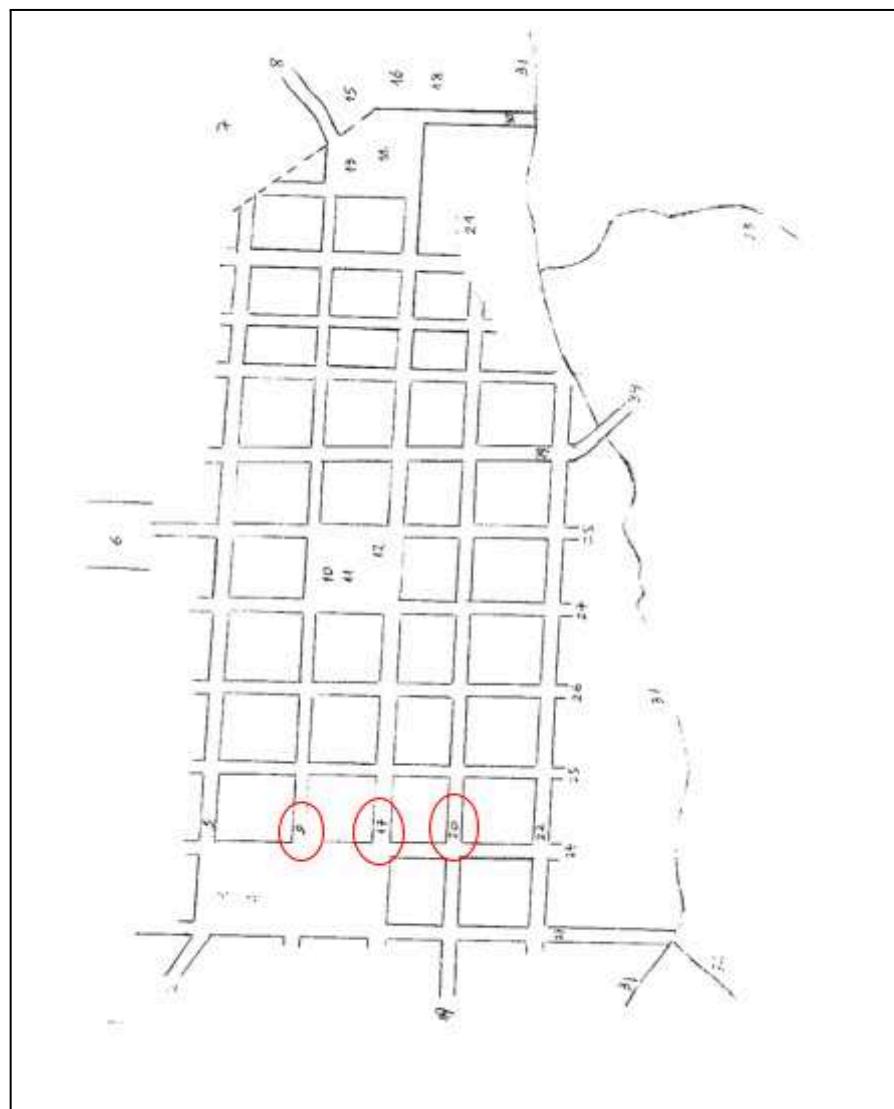


Figura 6: Esboço da cidade de Botucatu em 1884, “Ruas de Botucatu”

2.2. A RUA COMO TESTEMUNHA

Botucatu nasce no que é hoje a “Rua Curuzu”, paralela da “Rua Amando de Barros”, que fora justamente a segunda rua da cidade, que nascera como “Rua Riachuelo”, que também já fora “Rua do Comercio”, apelido este que resiste até os dias de hoje.

“Botucatú teve inicio na atual Rua Curuzu, onde os primeiros moradores se installaram. Veio depois a Rua Riachuelo, actual Rua Amando de Barros, que progrediu muito mais que a primeira pelo facto de ter em seu ponto inicial, sido construida a Egreja Matris no local onde se acha á Praça Coronel Moura, onde hoje existe um Posto de automoveis, e mesmo, posteriormente, pela construção das Egrejas Santa Cruz e do Rosario, aquella na Praça hoje chamada João Pessoa e está na actual Praça Carlos Gomes.” (ALMEIDA, p. 26)

Podemos afirmar que Botucatu se expande a partir dessas duas ruas, ou ainda como eram chamadas, “caminhos”, estes que iam sentido à estrada Piracicaba-Itapetininga-Tietê. Estes dois caminhos eram chamados de “caminho de cima” e “caminho de baixo”, que receberam estes nomes por uma questão cômoda da geografia. Em homenagem a “Guerra do Paraguai”, ilustrando um nacionalismo efervescente que nascia na cidade naquele determinado momento, estes caminhos recebem nomes inspirados em episódios do conflito, antes “caminho de baixo”, agora rua Curuzu, antes “caminho de cima”, agora rua Riachuelo.

Agora com nomes próprios as ruas foram, ao longo destes anos iniciais do século X, foram ganhando características distintas e particulares. A rua Curuzu acabou por concentrar as primeiras edificações da cidade, enquanto que a rua Riachuelo acabou por concentrar as primeiras nas casas comerciais, o que naturalmente a levou a ganhar o apelido aqui já mencionado.

A rua Riachuelo era uma das vias que compunham a Rodovia Marechal Rondon, isso causava um alto fluxo para época, e com isso uma demanda de serviços para os viajantes e tropeiros surgiram, deste modo na rua começaram a surgir os primeiros hotéis, além das primeiras lojas (vendiam-se principalmente chapéus, sapatos, tecidos e alfaiataria em geral) e restaurantes, que assim como os donos do

ramo hoteleiro “sempre (estavam) procurando o mesmo público: famílias em viagem ou viajantes que eram “pracistas” trabalhando para várias empresas da capital” (FIGUEIROA), até posto de gasolina fora construído. Este fluxo foi de tamanha importância que fora capaz de influenciar outros centros da cidade como a Rua Major Matheus. Aqui começamos a visualizar como uma simples rua inicial de uma pequena cidade torna-se o embrião do que é hoje a Rua do Comércio!

Apenas em 1917 a rua recebe seu nome atual, em homenagem ao vereador, prefeito, deputado e comerciante Amando de Barros (figura ao lado, disponível em “Blog do Delmanto”), porém o nome não se firmou num primeiro momento. Amando era uma das lideranças de um dos grupos políticos do município, conhecidos como “Amandistas”, a mudança de nome representava o domínio destes na câmara, no cenário político da cidade, uma vez que a rua Riachuelo também acabava por ser um centro político, pois os principais comerciantes eram também os agentes políticos, além da própria localização da câmara dos vereadores, muito próxima a rua. A maior insatisfação foi por parte dos “Cardosistas”, grupo rival e que concentravam seus comércios na rua, portanto ter associado o nome de seu principal adversário político ao de seus estabelecimentos, era algo inadmissível, logo o nome da rua tornou-se mais um elemento simbólico dessa disputa.



Disputa esta que durou até 1931, ano da última mudança de nome. Durante esse período, o nome da rua alternava de rua Amando de Barros para rua Riachuelo, oscilação que dependia de quem era maioria no governo, ora os “Amandistas”, ora os “Cardosistas”.



Figura 7 - Trecho da Rua Riachuelo no início do século XX

< <https://conteudo.solutudo.com.br/botucatu/o-que-foi-um-dia-a-rua-amando-de-barros/> >

A próxima mudança significativa foi ocorrer apenas nos anos 50, que foi quando o asfalto chegou e o governo do Estado decidiu alterar a rota da rodovia Marechal Rondon, porém o impacto já tinha sido causado, e a rua Amando já tinha se consolidado como o coração econômico da cidade.

A centralidade está posta, seu ponto já ocorreu, mas de qual centralidade estamos nos referindo? Apesar de esbarrar na coincidência do centro geográfico da cidade ser, de alguma forma, a rua, não é essa a centralidade que justifica a sua maior importância, mas é ela que permite que a brincadeira presente no título deste capítulo exista.

Para nós a “centralidade” que nos interessa é a mesma entendida por Lefebvre (1968). Esta centralidade representa o poder de reunião e encontro das pessoas que caracteriza o urbano. É na cidade, principalmente na centralidade, que as pessoas, as atividades e as diferenças se reúnem, criando trocas simbólicas, econômicas, culturais e políticas.

“A cidade é o lugar da centralidade. A centralidade é o valor de uso fundamental do urbano.

[...] O direito à cidade é o direito à vida urbana transformada, ao reagrupamento de tudo o que foi disperso e separado pela urbanização capitalista: o direito à centralidade.” LEFEBVRE (1968)

3. ÚLTIMAS DÉCADAS - O QUE MUDOU?

A fim de compreender as mudanças sofridas na rua iremos recorrer ao conceito de “Revalorização” de Glória Alves (2015), podemos fazer um paralelo com este trabalho, o qual teve como foco a centralidade da cidade de São Paulo, com o que acontece a partir dos anos 90 na Rua Amando de Barros. Segundo ela, esse processo ocorre em três etapas que ocorrem em sequência.

Segundo a autora, para que exista uma desvalorização, naturalmente é necessário que nessa mesma área tivesse acontecido um processo de valorização, estas áreas, por exemplo, tratam-se de antigos centros que já contam com um investimento estatal e privado, estes que por sua vez geram uma infraestrutura, como é o caso da Rua Amando de Barros em Botucatu.

Por algum motivo, saturação e falta de modernização, por exemplo, estes centros são abandonados, mas a infraestrutura construída principalmente pelos aparatos estatais e alguma parte pelo privado (os imóveis basicamente) não se vão com a troca da centralidade, neste momento a desvalorização começa.

Este abandono de investimento, tanto privado, quanto estatal, ocorreu na Rua Amando de Barros, e novas centralidades e centros comerciais receberam estes investimentos, como a Rua Major Matheus (o “bairro”) e a Rua Vital Brasil, apesar desses novos centros, a Rua Amando de Barros nunca perdeu a sua importância, porém passou por um processo de popularização de seu comércio, em vez de concentrar as lojas mais luxuosas da cidade, como antes, nos anos 90 ela é marcada por lojas que visam atender as necessidades do público mais pobre, nesse movimento surge o camelódromo.

O camelódromo (área em que há o conjunto de vendedores informais) se fixa na praça do bosque, que é a principal praça da Rua Amando de Barros, e fica por lá por cerca de 15 anos.

Seguindo a lógica de Glória Alves (2015) o “próximo passo” é a revalorização desta área e assim foi também em Botucatu. Ela ocorreria uma vez que toda uma infraestrutura já existe, criada no momento de valorização, mas que não foi embora junto com os investimentos

Em 2004 a câmara municipal decide criar o “Projeto de Revitalização da Amando”, com a premissa de que “o principal corredor comercial da cidade” fosse modernizado, com alteração nas calçadas, sistema de iluminação, asfalto e outros pontos.

Um desses pontos que incomodavam os investidores era a existência de um camelódromo localizado no principal ponto da rua, podemos perceber “a importância” dele, pois, a única medida tomada no ano de 2004 foi a retirada do mesmo da Rua Amando de Barros, por sua vez foi realocado na rua de baixo, em seu fim.

Esta revalorização ficou estagnada por volta de dez anos, e só continuou no ano de 2015. O projeto foi resgatado e as mudanças ocorreram, foi feita a ampliação das calçadas, o asfalto foi recapeado, a iluminação foi alterada a fim de diminuir “a poluição visual” e novos investimentos surgiram, podemos destacar a abertura de uma loja da rede “Torra Torra”, que se instalou em um antigo prédio abandonado na rua.



Figura 4 e 5: Comparação do cruzamento da Rua Amando de Barros com a Rua Cel. Fonseca, início do século XX - Segunda década do século XXI

<

<https://noticiasbotucatu.com.br/2020/04/14/rua-amando-de-barros-o-coracao-comercial-e-empreesarial-de-botucatu/> >



Figura 6: Mudanças percebidas após a revitalização, fonte Google Maps e arquivo pessoal

Vale ressaltar que neste momento em toda a cidade, inclusive na própria Rua Amando de Barros, os trailers de comida, que ficavam em praças, foram obrigados a se retirarem ou aceitarem ficar em pequenos imóveis construídos pelo município dentro das próprias praças. E o processo continua até os dias atuais, por exemplo destaca-se a construção de um shopping, no local de um antigo banco, localizado, “por coincidência”, na mesma praça que o Camelódromo funcionava.

O “Shopping Amando” foi inaugurado em 2024 com uma proposta de “trazer qualidade e modernidade para a região, proporcionando uma experiência de compras e lazer diferenciada” como o próprio empreendimento coloca, em outras palavras, o objetivo era trazer uma alternativa para quem busca um comércio mais luxuoso e naturalmente caro, o oposto do que a rua tinha se tornado nos últimos anos.

Ainda no mês de abertura uma tragédia aconteceu no principal restaurante do shopping, uma trabalhadora de 21 anos acabou morrendo em um acidente de trabalho ao manusear um galão de álcool que acabou explodindo.

Após esse ocorrido o shopping perdeu significativamente a sua imagem perante a população, alinhado a isso, a proposta de um comércio mais elitizado não funcionou, em menos de um mês o shopping já se mostrava vazio e seu futuro estava claro, a rua Amando resistiu!

Em menos de um ano de abertura o “Shopping Amando” foi vendido para um grupo de investidores de Santa Catarina que prometia transformar a área em uma grande galeria popular, porém mesmo depois da compra esse projeto nunca se realizou. A partir de setembro de 2025 o prédio abriga a sede administrativa da Unimed de Botucatu.

4. A VISÃO DO OUTRO LADO - UM DIÁLOGO COM AS FIGURAS PÚBLICAS

A partir da visualização dessas mudanças é natural que se pergunte como e o por que elas ocorreram, quais as razões que levaram a esse caminho e não a outro, o que se perdeu durante o projeto, enfim todos os detalhes que construíram essa nova rua. Pensando nas possibilidades surge uma ideia, por que não perguntar diretamente para quem idealizou e realizou essas mudanças?

Este capítulo vem para trazer uma visão “por trás” do que ficou e fica registrado na paisagem da rua, visando entender o que os políticos da época pensavam e quais os objetivos que eles tinham com o projeto. Este, como dito anteriormente, começou em 2004 como “Projeto de Revitalização da Amando” e foi finalizado em 2016, durante este período a gestão se dividiu em 4 mandatos de dois prefeitos e foram justamente eles os entrevistados.

Por uma questão cronológica dos mandatos, o primeiro a ser entrevistado foi o atual vereador da câmara de vereadores de Botucatu Mario Ielo, que foi prefeito da cidade de 2004 a 2008. Arquiteto e engenheiro cartógrafo de formação logo no começo da entrevista destacou a importância da ciência para sua vida e consequentemente o impacto que isso teve ao longo da sua carreira política.

Antes de chegar no projeto de revitalização, Ielo voltou um ano antes e falou sobre o “Governo Participativo” e em consequência dele o “Orçamento Participativo” que foi instituído em Botucatu no ano de 2003. Com apoio do recém “Ministério das Cidades” criado no governo Lula também em 2003 juntamente com a “Secretaria de Indústria e Comércio” do município, esta forma de governo visava um aumento do diálogo entre prefeitura e a população. Fruto desse maior diálogo surge uma demanda que aparece como prioridade entre os comerciantes: a revitalização da rua Amando de Barros.

O discurso que pautava essas mudanças eram ancorados em duas questões: a falta de modernização da rua, o que causava uma sensação de abandono por parte da prefeitura em relação ao seu principal centro comercial e a questão do camelódromo. Ambas parecem possuir motivações lógicas, a primeira por de fato desvalorizar os estabelecimentos e até mesmo espantar os clientes, já segunda por

uma disputa desleal que o comércio informal poderia estar realizando além de ocupar uma das principais praças da cidade, essa era a minha hipótese. De fato ela não estava errada, mas sim incompleta.

Antes de entender “o que ficou faltando” é válido entender como esse comércio se formou. Durante a crise do abastecimento do governo Sarney, Botucatu sofreu muito com a falta de carne, causando, naturalmente, uma insatisfação da população. Na tentativa de resolver o problema, o prefeito da época convocou seu motorista e um famoso açougueiro da cidade para irem buscar carnes no Paraguai, é claro que o processo não era legítimo, mas acabou “funcionando”, mesmo que sem nenhuma garantia da procedência, Botucatu teve acesso novamente as carnes que tinham sumido.

Como “premiação” o prefeito fez vista grossa e “permitiu” que o açougueiro construísse barracas na praça do Bosque. Após quinze anos o camelódromo estava com mais de 60 barracas e consolidado como centro do comércio informal da cidade. Como dito anteriormente essa disputa entre o circuito formal e informal de fato incomodava, mas outros problemas começaram a se concentrar na praça, denúncias e apreensões por tráfico de armas começou a se tornar um forte e recorrente motivo para a dissolução do camelódromo, além disso, foi descoberto, durante o processo de remoção, que existiam duas lideranças que aliciavam e cobravam aluguel dos outros vendedores.

Ielo detalhou todo o processo de remoção e como a ideia do diálogo que existiu com os comerciantes também se estendeu para os ambulantes. A solução foi a remoção do camelódromo da praça do Bosque e recolocá-lo ou em um bairro recente e mais afastado, a COHAB 1, ou em um estacionamento de carretas que ficava na “rua de baixo”, a rua Curuzu, a última foi escolhida.



Figuras 6 e 7: Camelódromo da rua Curuzu em 2022 (arquivo pessoal)

A ideia era que ele durasse dois anos e pudesse ser renovado por mais dois anos, durante este período cada família teria direito a um *box*, a fim de evitar que uma relação de dominação e violência fosse estabelecida novamente, além disso foi exigido a criação de uma associação entre esses trabalhadores e mais do que isso, todos eles deveriam realizar algum tipo de formação, com o objetivo de facilitar esse processo a prefeitura fez uma parceria com Senac, ou seja, a prefeitura desejava que esses comerciantes conseguissem acessar o comércio formal algum dia, mas isso não se concretizou e a licença do camelódromo foi estendida no mandato do prefeito seguinte, existindo até hoje em uma área que aglutinou esse boxes a um terminal rodoviário.



Figura 8: Terminal rodoviário integrado com o camelódromo (arquivo pessoal)

Mas de fato o processo de revitalização se resumia na retirada do camelódromo? De fato ele foi usado como uma desculpa para acabar com este problema? Ielo esclarece que não. Mudanças na calçada e até um possível calçadão já eram cogitadas, juntamente com o processo de tornar a iluminação subterrânea, porém isso foi impedido por um estudo arqueológico que indicou a presença de resquícios da tribo “Kaingangue”, a ideia de ampliar esses estudos “barrou” as outras etapas da revitalização a paralisando até a década de 2010. Vale destacar que, no final das contas, este estudo nunca foi realizado.

Já nosso segundo entrevistado foi João Cury, atual deputado federal e ex-prefeito de Botucatu, o sucessor de Ielo e que foi reeleito, ficando no cargo até 2016. Foi ele que retomou e terminou a revitalização da rua. João destacou a “Secretaria de Participação e Descentralização” do seu governo que aproximou novamente a prefeitura da população, suscitando o pedido de revitalização da rua.

Mesmo com um projeto já existente, o impasse entre o que a prefeitura queria fazer e o que era desejado pelos comerciantes era grande. O calçadão foi logo descartado, os lojistas temiam a falta de vagas, medo esse também que impedia que aprovassem o projeto da prefeitura, que gostaria de aumentar a calçada retirando o estacionamento do lado esquerdo da via. João frisou que essa sempre foi a principal discordância.

Na tentativa de convencer que seu projeto era viável, a prefeitura substituiu o Zona Azul pelo parquímetro (relógio medidor de tempo pago, instalado em ruas ou estacionamentos, que cobra por tempo de uso da vaga) e vagas começaram a “sobrar”, com isso os comerciantes compraram a ideia e o projeto de inicio.

João comentou sobre a dificuldade que é parar uma rua como a Amando de Barros, para minimizar os danos tanto comerciais quanto de circulação, grande parte da obra foi realizada noturnamente, mas essa necessidade de tornar o processo o mais rápido possível trouxe um problema, aterrkar os fios seria um processo muito trabalhoso e a pressão dos comerciantes para entrega da obra, o Natal se aproximava, impossibilitou de vez essa ideia, ainda perguntei se verba era um problema, Joao garantiu que não.

Foi em seu governo também que os trailers foram removidos das vias, Joao

destacou que além de permanecerem irregulares nas ruas, existia, como no camelódromo, um movimento perverso em que os proprietários dos trailers não eram aqueles que neles trabalhavam, mas sim os alugavam. A fim de resolver os dois problemas, os verdadeiros trabalhadores receberam a opção de se instalarem em quiosques dentro das praças da cidade.

Tanto este movimento, quanto o de realocar o camelódromo de lugar, marcam uma tentativa de formalizar estes comerciantes, podemos ir além e compreender este fenômeno a partir de Milton Santos (1979). Segundo ele a economia se divide em dois grandes circuitos, cada um com suas próprias regras e dinâmicas, um deles é o superior, que utiliza de uma tecnologia de “capital intensivo”, se organiza de forma burocrática, trabalha com estoques, preços fixos, crédito bancário, margem de lucro visando à quantidade, possui uma dependência estatal, entre outros, são desde as grandes empresas transnacionais até os comércios regularizados.

Já o circuito inferior opera com uma tecnologia de “trabalho-intensivo”, se organiza de forma primitiva, trabalha com pequenas quantidades dos produtos, preços negociáveis, crédito pessoal, margem de lucro elevada por unidade, dependência estatal nula ou quase nula, são as empresas informais, como ambulantes, no nosso caso os trailers e o camelódromo.

Apesar de cercado de boas intenções, segundo as figuras públicas entrevistadas, não podemos omitir a violência deste processo, é natural que famílias perderam sua fonte de renda ou a reduziram, essa entrada na formalidade tem um preço. Destaca-se também a resiliência do circuito inferior, de como ele não acabou e nem vai, a sua relação é intrínseca com o seu irmão mais “bem sucedido”, de uma forma que um não existe sem o outro.

“Os dois circuitos não são independentes; existe entre eles uma relação de dependência e de dominação. O circuito inferior vive à sombra do superior, do qual retira parte de seus insumos e clientela.” (SANTOS, 1979)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa foi possível compreender como a Rua Amando de Barros, desde os primórdios da formação de Botucatu, consolidou-se como o principal eixo econômico, social e simbólico da cidade. Mais do que um espaço de circulação e comércio, ela se configurou como o “centro de centralidade” urbana no sentido lefebvriano — o lugar de encontro, de trocas e de expressão da vida urbana em sua totalidade.

A análise histórica mostrou que a Rua Amando de Barros acompanhou o próprio desenvolvimento do município, desde sua origem como “Rua Riachuelo” até tornar-se o “coração comercial e empresarial de Botucatu”. Suas transformações revelam não apenas mudanças físicas na paisagem urbana, mas também dinâmicas sociais e econômicas que expressam a constante reorganização dos circuitos superiores e inferiores da economia urbana, como discutido por Milton Santos.

O estudo evidenciou ainda que as mudanças ocorridas nas últimas décadas, especialmente o processo de “revitalização” iniciado em 2004 e finalizado em 2016, refletem um movimento de revalorização típico dos centros urbanos, conforme discutido por Glória Alves. A retirada do camelódromo, as obras de modernização e a tentativa de atrair investimentos privados demonstram o interesse do poder público e de setores empresariais em redefinir o perfil socioeconômico da área, buscando torná-la mais “moderna” e atrativa, ainda que isso tenha implicado tensões e contradições.

As entrevistas com os ex-prefeitos permitiram compreender que as decisões políticas por trás das reformas foram guiadas tanto por demandas legítimas de comerciantes e moradores quanto por um projeto de cidade voltado à valorização econômica e simbólica do espaço central. No entanto, a permanência de usos populares e a resistência dos antigos frequentadores mostram que a Rua Amando de Barros mantém seu caráter plural e contraditório, preservando, apesar das intervenções, o dinamismo que sempre a caracterizou.

Assim, pode-se concluir que a Rua Amando de Barros resiste e se reinventa continuamente, permanecendo como um espelho das transformações urbanas e sociais de Botucatu. Sua trajetória demonstra que a centralidade urbana não é

apenas resultado de obras ou investimentos, mas de práticas cotidianas, memórias e relações sociais que dão vida ao espaço. A rua, portanto, segue sendo a “aorta” que pulsa no coração da cidade — um espaço de encontros, disputas e permanências que sintetiza a própria história urbana botucatuense.

Acredito que muito ainda deve ser explorado, por exemplo um diálogo com os comerciantes que estão na rua há mais de 30 anos ou ainda os comerciantes que ainda estão no camelódromo, que presenciaram todo este processo esmiuçado nesta tese, são histórias que merecem ser registradas em um estudo futuro, acredito que as contribuições seriam imensas e dignas de não serem perdidas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João. "Ruas de Botucatu". 2007

ALVES, Glória A. Transformações e resistências nos centros urbanos. In: CARLOS, A.F.A. (org) Crise Urbana p. 143-153 (2015)

FIGUEIROA, João. "É Verdade que a Rua Amando já foi estrada? " Solutudo, 2021.

FIGUEIROA, João. "Boca do Sertão: História resumida e comentada da cidade de Botucatu 1719-2016).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Botucatu – Panorama*. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/botucatu/panorama>. Acesso em: 15 set. 2025.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. Tradução: Rubens Eduardo Frias. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2008.

SANTOS, Milton. *O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979. p. 50.

SANTOS, Milton. Pobreza Urbana. Cap 3. Pobreza urbana no terceiro mundo: marginalidade ou bipolarização p.35-55

